

Educação e Linguagens,
de Ana Maria Haddad Baptista, José Carlos de Freitas Batista e
Ubiratan D'Ambrosio (Orgs.)

São Paulo: BT Acadêmica; CAPES, 2017. 304 p.

Jefferson Serozini

Mestre em Educação. Bacharel em Relações Públicas. Licenciado em Sociologia
e Comunicação Social. Professor da rede pública estadual de SP.
jefferson_serozini@hotmail.com

Os educadores Ana Maria Haddad Baptista – mestra e doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), com pós-doutoramento em História da Ciência (PUC/SP) –, José Carlos Freitas Batista – mestre em Educação (UNIMEP) e doutor em Educação Física (UNICAMP) – e Ubiratan D'Ambrosio – doutor em Matemática (USP) e um dos pioneiros no estudo da Etnomatemática – nos brindam como organizadores dessa coletânea que reúne mais 23 autores, todos profissionais atuantes na área da educação, apresentando seus estudos e suas percepções sobre o uso de diferentes tipos de linguagens no processo de ensino-aprendizagem.

A obra é composta por 20 artigos que abordam as mais diversas representações da linguagem e suas possibilidades de desenvolvimento, tanto em sala de aula, quanto em qualquer outro espaço social. A cada novo texto, dá-se a sensação de que os autores se complementam, dialogam, como se houvessem construído seus estudos em conjunto, em um grande trabalho em grupo.

Surge ao longo das páginas a constatação de que a linguagem é algo inseparável do ser, sendo a forma pela qual o indivíduo interage com seus semelhantes e promove sua inserção no meio ao qual está inserido. Todavia, não há na linguagem uma representação única ou finita, mas sim, uma gama de possibilidades do “fazer-se comunicar”, da transmissão de informações/conhecimentos.

Adriana Nadja Lélis Coutinho apresenta no artigo “As vozes da mídia e a utopia polifônica de Bakhtin” um estudo sobre os recursos polifônicos presentes nas obras de Dostoiévski e Oswald Ducrot, em comparativo com os conceitos de Bakhtin. Sendo o primeiro texto da coletânea, o leitor já se depara com uma

análise da linguagem em sua roupagem mais clássica e tradicional. Já Ana Maria Haddad Baptista convida o leitor a uma breve viagem para compreender a história da linguagem sob o olhar da filosofia, ressaltando a completude das áreas do saber e as zonas de aproximação entre a linguagem das ciências, a linguagem literária e a linguagem da filosofia.

Por sua vez, a linguagem cinematográfica é contemplada em três artigos intitulados: “Cinema documentário. Experiência de participação e convergência para a educação midiática no ensino superior”, escrito por Aguinaldo Ricciotti Pettinati Filho e Juan Guillermo D Droguett; “Palimpsestos na tela: a linguagem da adaptação cinematográfica”, de autoria de Márcia M. Pereira; e “Idas e vindas da realidade à ficção: a prática do cinema na sala de aula”, de Márcia Fusaro. Cada um dos autores citados trata a abordagem da linguagem cinematográfica de forma diferenciada, mas todos sob a mesma perspectiva de envolvê-la e apresentá-la como potencial recurso e ferramenta de ensino-aprendizagem. Droguett e Pettinati Filho reúnem um compilado de documentários com o intuito de exemplificar a presença da arte da representação nessas produções, ainda que estejam repletas de conteúdo realista. Pereira discrimina o processo de adaptação da linguagem literária para a linguagem cinematográfica. Já Fusaro desmistifica o uso da obra cinematográfica apenas como recurso de entretenimento, apresentando maneiras e processos para o uso desse recurso como ferramenta educacional.

Ainda no cerne da arte como representação da linguagem, a música recebe destaque na coletânea e é amplamente discutida nos artigos: “Música linguagem ou linguagem música: por que música? ”, de Catarina Justus Fischer; “Linguagens em (con)fluência: literatura e música em diálogo na contemporaneidade”, de Diana Navas e Telma Ventura; e “O Monte Castelo que habita a linguagem poética de Renato Russo”, de Daniela Oliveira Albertin e Sandra Delmonte Gallego Honda. Justus conceitua muito bem a música como a arte de organizar sons e silêncios de forma coerente, permitindo, assim, a transmissão de informações e uma comunicação que transcende a breve noção de tempo-espço. Navas e Ventura tratam da incorporação da literatura na música. Já Albertin e Honda nos elucidam sobre a poeticidade presente nas canções contemporâneas do cantor Renato Russo.

Intrinsicamente ligada à música há também a dança, que promove a comunicação por meio do movimento, do gestual. Claudia Nolla e José Carlos de Freitas Batista abordam esse tema no artigo “Linguagem corporal, possibilidade e encontro na sua totalidade”, assim como Mônica de Ávila Todaro, em seu estudo “Dança

na educação infantil: uma experiência lúdica intergeracional”. Em se tratando da experiência com crianças, Maurício Silva faz um recorte sobre a educação infantil no artigo “Entre entreter e instruir: linguagem e literatura infantil”.

Em tempos de resistência, a linguagem por trás da arte se torna primordial para transmitir informação evitando esbarrar nas censuras. Referências como essas são encontradas nas observações de Claudia Cristina de Oliveira, com o texto “Linguagem e resistência: Luandino Vieira e sua narrativa docemente amarga”, e nas palavras de Jefferson Serozini, com o texto “A linguagem das ruas – manifestos urbanos”.

Além disso, em se tratando do que está posto nas ruas, vale ressaltar o texto “Semântica da moda: culturas, linguagens e produção do conhecimento”, de Camila Maria Albuquerque Aragão e Manuel Tavares. Já no que tange o comportamento humano, ou mesmo a ótica sobre a psique humana, Heloisa Gurgel Rosenfeld traz suas contribuições com o estudo “A linguagem da psicanálise”.

Vale ressaltar que não se pode pensar na educação sem entender as linguagens que a regulam, sem ter ao menos uma breve noção sobre as lutas que foram travadas por educadores no passado e os desafios que estão por vir aos educadores do futuro. Essas narrativas são encontradas sob a fala de Francisca Eleodora Severino, em seu artigo “Cecília Meireles, a magia poética na educação”; Denizete Lima de Mesquita, em sua narrativa “A linguagem na biblioteca”; e Sônia Regina Albano de Lima, que aborda as reformas do ensino no artigo “Por que uma medida provisória?!”.

Por fim, não poderia faltar a presença da tecnologia – a serviço da educação –, tema que é amplamente debatido nos artigos “Educação, linguagem e as condições de produção do *internetês*”, de Antônio Carlos Rodrigues dos Santos, e “Educação interativa na linguagem dos *nativos digitais*”, de Alberto Cabral Fusaro.

Como pôde ser observado, a coletânea “Educação e Linguagens” traz não só uma notória variedade de interpretações e interlocuções sobre o tema, como faz isso de forma transdisciplinar, reforçando o conceito sugerido na introdução de que se trata de uma obra com textos que se complementam, evidenciando a qualidade da organização e o desenvolvimento de um projeto muito bem desenvolvido e idealizado. Sem dúvida, um material que agrega e contribui para os debates e discussões em torno das diferentes linguagens – a serviço da educação.